

## AS VESTES COMO ENTIDADES ENUNCIADORAS NO CAMPO DE BATALHA

*Garments as unified entities on the battlefield*

Arruda, Luisa Mendes; Mestranda; Universidade Federal do Espírito Santo,  
contato@luisamendes.com<sup>1</sup>

### Resumo

Analisa, nos trabalhos de José de Almada Negreiros e no movimento militante italiano Tute Bianche, as vestes como significantes no campo estético do modelo agonístico de democracia postulado por Chantal Mouffe, cuja política democrática consiste em transformar o antagonismo social em agonismo.

Palavras Chave: Político; José de Almada Negreiros; Tute Bianche; Vestes; Subjetividade; Embate.

### Abstract

*Analyze of the garments in the works of José de Almada Negreiros and the Italian militant movement Tute Bianche, as significant in the aesthetic field of agonistic model of democracy postulated by Chantal Mouffe, whose democratic politics is to transform the social antagonism into agonism.*

*Keywords: Political; José de Almada Negreiros; Tute Bianche; Garments; Subjectivity; Shock.*

---

<sup>1</sup> Graduada em Design de Moda pela Universidade de Vila velha/ES, MBA em Gestão de Negócios pela Fundação Getúlio Vargas/ES e mestranda em História e Crítica de Arte pela Universidade Federal do Espírito Santo.

## Introdução

As práticas artísticas podem desempenhar um papel crítico no embate contra a dominação capitalista e a arte pode oferecer uma oportunidade para que a sociedade reflita, coletivamente, sobre as figuras imaginárias que dependem sua auto compreensão (HOLMES apud MOUFFE, 2007, p.60). Diante dessa questão, em que as intervenções artísticas se oferecem como programas de mobilização e questionamento, trago para discussão as vestes como o elemento catalisador em duas distintas linguagens visuais.

Para tal abordagem, faz-se necessário a conceituação de alguns agentes fundamentais: a política, o político e o espaço público.

Por política compreende-se o conjunto de práticas através das quais se cria uma determinada ordem relativa ao Estado ou a uma sociedade, o que corresponde à atividade política tradicional.

Por outro lado, o político é concebido como a dimensão do antagonismo constitutivo das sociedades humanas, diferentemente da concepção liberal em que a crença racionalista é um consenso universal baseado na razão.

Nesse lugar da negação do liberalismo pelo antagonismo está uma crítica às noções essencialistas de identidade e subjetividade. Chantal Mouffe (cientista política belga) declara determinante o rompimento com a categoria do sujeito como entidade transparente racional; compreende que toda identidade é relacional e que a afirmação da diferença é condição prévia para a existência de qualquer identidade (MOUFFE, 2007, p.63).

Esse assimilar da identidade como relacional possibilita que o contato entre “nós” e “eles” se converta entre “amigos” e “inimigos”, ou seja, que se crie uma relação de antagonismo. A partir do momento que existe o lado questionador, qualquer vínculo, seja ele religioso, político ou econômico, passa a ser “político”.

No entanto, Chantal Mouffe vai além e propõe, no âmbito do político, transformar esse tal antagonismo em agonismo, que seria o outro ser visto como adversário e não como inimigo e que o direito de defender posturas

divergentes seja preservado. Ao mesmo tempo em que evidencia que não há possibilidade de um consenso sem exclusão. Esse é o modelo agonístico de política democrática postulado por Chantal Mouffe.

Indivíduo, grupo, traje e trocas múltiplas oferecem ao sujeito possibilidades para recompor uma corporeidade existencial, abster-se de suas intercorrências e, de alguma forma, ressingularizar-se. É o que o filósofo francês Félix Guattari (1930-1992) externa como a constituição de complexos de subjetividade: novas maneiras de pensar a subjetividade do sujeito não como uma entidade autônoma, mas como um infindável processo de alteridade desvelado no embate com o outro, com a cultura e com a história (GUATTARI, 1992, p.17).

Guattari cria instâncias locais de subjetividade coletiva e se perfaz de uma produção *sui generis*, que seria, antes de tudo, do campo paradigmático estético.

A respeito desse pensamento de subjetividade e ressingularização, é possível identificar uma aproximação que dialoga com a hipótese de Chantal Mouffe.

Félix Guattari versa que o ser humano contemporâneo é desterritorializado. Com isso, expõe que seus territórios etológicos – corpo, clã, aldeia, culto, corporação – não estão mais dispostos em um ponto preciso da terra, mas inseridos em universos incorporais. Guattari também evoca Jean-Paul Sartre (1905-1980) com a questão de que tudo dependerá da re-finalização coletiva das atividades humanas e, sem dúvida, em primeiro lugar, de seus espaços construídos. Delineia que nos encontramos diante de um círculo de dupla direção: de um lado a sociedade, a política, a economia não podem mudar sem uma mutação das mentalidades e, de outro, as mentalidades só podem verdadeiramente evoluir se a sociedade global seguir um movimento de transformação (GUATTARI, 1992, p.175).

Chantal acredita na contribuição das práticas artísticas críticas para essa mudança citada por Guattari, mas, ao contrário de Guattari, não divide a paragem em duas direções distintas. Ela afirma que é preciso compreender

que há no político uma dimensão estética assim como há na arte uma dimensão política.

Ambos evocam o artista polissêmico e polifônico, que trabalha com a matéria humana que não é universal, e evidenciam que tais pontos de ruptura não podem ser assumidos através de simples procedimentos consensuais e democráticos.

Para o modelo agonístico defendido por Chantal Mouffe, o espaço público é o campo de batalha em que se enfrentam diferentes projetos hegemônicos, sem possibilidade alguma de conciliação final. No entanto, por esses espaços públicos serem plurais, “as batalhas” produzem uma multiplicidade de superfícies discursivas que contribuem para a cisão do que é reconhecido como primazia na ordem social.

Nessa multiplicidade de superfícies discursivas, instiga minha atenção trabalhos críticos e sua dialética com a moda, especialmente no que tange ao imbricamento do comportamento do homem e suas relações sociais, políticas e culturais. Por isso, analisarei trabalhos em que as articulações de subjetividade, temporalidade e corporalidade se presentificam, por meio das vestes, em sentido e competência poética.

Opto por investigar a veste utilizada na intervenção pública do poeta modernista português José de Almada Negreiros (1893-1970) em se perfazer de um “fato-macaco” para apresentar a *1ª Conferência Futurista* em 1917. Investigo também as vestes do movimento militante social italiano Tute Bianche, que, ao utilizar um macacão branco, coloca em jogo seu próprio corpo e o despe de suas *sui generes*, assumindo uma nova identidade.

### **José de Almada Negreiros**

A experimentação social visa espécies particulares de “atratores estranhos” (GUATTARI, 1992, p. 159). Uma ordem objetiva mutante pode nascer do caos atual de nossas cidades, assim como uma nova poesia, uma nova arte de viver. Essa lógica do caos pede que se examinem bem as situações em sua singularidade. Trata-se da imersão em processos de

ressingularização e de irreversibilidade do tempo, construídos não apenas no real, mas também no possível.

Para a tal "experimentação social", em 1917 – numa Lisboa em que imperavam as indumentárias solenes e os trajes galantes da *belle époque* – o poeta modernista português José de Almada Negreiros revestiu-se de um “fato-macaco”<sup>2</sup> azul para apresentar a *1ª conferência Futurista*, no Teatro República.

Aliás, o vestuário, tão caro aos futuristas, tinha de ser agressivo a fim de aumentar a coragem dos fortes e perturbar a sensibilidade dos covardes, emprestando agilidade para adicionar impulso à luta, ao embate, ser forte na vontade como ordens no campo de batalha. Assim como em 1914, no manifesto *A Roupas Antineutral*, de Giacomo Balla (1871-1970), que tinha como intuito incentivar, por meio da roupa, as pessoas a participarem da Primeira Guerra Mundial (COSTA, 2009, p.41).

Portugal vivia uma época bastante conturbada nos anos que se seguiram à Proclamação da República portuguesa ocorrida em 1910, que põe fim ao longo período Monárquico. O ano de 1917, antes do fim da Primeira Guerra, foi muito conturbado, com revoltas constantes da população portuguesa que vivia em estado de absoluta penúria, greves e protestos de sindicatos e de estudantes, e em clima de desordem geral com saques a lojas, o que leva ao estado de sítio em Lisboa e ao golpe de Sidónio Pais, que dissolve o congresso. Essa realidade iria contribuir para o atraso de Portugal, impedindo sua modernização com a mesma intensidade de grande parte das nações europeias. A própria Igreja Católica vai tentar aplacar de alguma maneira essa realidade, difundindo entre os portugueses o episódio que relata o aparecimento de Nossa Senhora aos três pastores, que teria ocorrido nesse mesmo ano de 1917.

Nesse contexto, José de Almada Negreiros, por meio de sua "experimentação social", convoca os portugueses a criarem uma pátria portuguesa do século XX, enfatiza que é preciso buscar na guerra, a grande experiência do combate, a força da nova pátria e elucida a todos o que é democracia. O poeta impõe, com provocadora ousadia, a demolição radical dos

---

<sup>2</sup> Fato-macaco é a denominação portuguesa para a peça de roupa macacão.

convencionalismos, ao mesmo tempo em que enfatiza não pertencer a nenhuma das gerações revolucionárias, mas a uma geração construtivista.

Não por acaso, a cor utilizada pelo poeta no “fato-macaco” é o azul.

A cor, mais que um fenômeno natural, é uma construção cultural complexa e generalizar o seu significado pode resultar em numerosos problemas. No entanto, no momento em que compreendemos a cor como um fenômeno social, podemos encontrar possíveis análises, mas nunca uma verdade transcultural (PASTOUREAU, 2010, p.12). Em Roma, por exemplo, o azul era a cor dos Bárbaros, dos estrangeiros. No final da Idade Média, a paleta protestante se articulou em torno do branco, negro pardo e azul. Já na França, o azul foi a cor dos republicanos e depois da Primeira Guerra Mundial se tornou a cor dos conservadores.

Em Portugal, 1917, José de Almada Negreiros escreveu e Amadeo de Souza Cardoso<sup>3</sup> editou o *K4, O Quadrado Azul*, folheto com poemas lidos como sátira social, em estilo Futurista. O significado do quadrado azul nos poemas, pode se metamorfosear inúmeras vezes, ora quando o autor expressa a feminilidade, ora a masculinidade e até mesmo todos os cinco sentidos do sistema sensorial, mas o que fica evidente, é que o significado do azul no quadrado é maior do que a profundidade oceânica e seu caráter não é delimitador e sim extenso e questionador no que tange às questões políticas e sociais. Esse caráter social fica evidente no *Manifesto Futurista* com o uso do “fato-macaco”. E claro, não podemos nos esquecer de que em 1850 as calças jeans, inventadas pelo judeu Lévi-Strauss (1829-1902), introduziram o azul ao mundo do trabalho e é esse universo que José de Almada Negreiros remete ao se vestir com o macacão dos operários, enfatiza a necessidade da luta e do trabalho braçal no campo de embate. É como se o artista convocasse aos seus para se desprenderem da inércia em relação à política, assim como faziam com suas identidades, evoca o caráter padronizador de pertencimento de classe que a roupa pode abarcar.

---

<sup>3</sup> Amadeo de Souza Cardoso (1887-1918) é um artista modernista português, engajado com o movimento Futurista, que desenvolve trabalhos em parceria com o poeta José de Almada Negreiros. (NEGREIROS, 2000, p.3)

Figura 1 – José de Almada Negreiros vestido com o fato-macaco com que apresentou a 1ª Conferência Futurista em 1917. Imagem extraída do livro Amadeo de Souza Cardoso, Lisboa: Assírio & Alvim, 2007, p. 264.



### **Tute Bianche**

É também no campo de batalha que o grupo social militante Tute Bianche, de 1994 a 2001, se reveste de ternos brancos recheados de espumas e caminha pelas ruas contra a globalização na Itália. Denominam-se como exército de sonhadores, cuja arma era o próprio corpo.

Figura 2 – Movimento Tute Bianche,  
([http://www.wumingfoundation.com/italiano/outtakes/monaco\\_portuguese.html](http://www.wumingfoundation.com/italiano/outtakes/monaco_portuguese.html))2001.



De fato, a roupa nos concede a individualidade, as distinções e os requintes sociais. No entanto, o Tute Bianche é um projeto político de experimentação permanente, que preza pelo velamento da própria identidade. Ao usar, coletivamente, o terno branco, o grupo coloca em jogo o próprio corpo, assim como o despojamento de suas *sui generes*.

Este macacão branco também é um uniforme. Porém, em momento algum ameaça transformá-los em meros manequins, pois os membros os vestem não por um padrão imposto, mas pela necessidade de manifestar o pertencer a um grupo militante caracterizado, o Tute Bianche.

A cor branca evoca o outro grupo militante “Ya Basta association”, que vestiram branco para rememorar os fantasmas que assombraram a também fantasma cidade dos policiais. O grupo prolifera que se a luta visa à realização de visibilidade, a cor da luta é o branco, e a peça de vestuário branco cobre todo o corpo.

Destaco aqui o caráter simbólico que a cor branca produz sobre a alma, sendo este o mesmo efeito do silêncio absoluto. Silêncio que não está morto, pois transborda de possibilidades vivas, um nada anterior a todo começo, a mimese da alvorada. É como se as espumas que preenchem os ternos brancos amortecessem não só as bombas atiradas pelos policiais, mas também todo o barulho prosseguido por um recomeço.

Desde a Guerra dos Cem Anos, nos séculos XIV e XV, se estende uma bandeira branca para pedir que se cesse a hostilidade. Assim, o branco se opõe ao vermelho da guerra, e essa é uma dimensão simbólica quase universal (PASTOUREAU, 2007, p.5). O que de fato não se aplica aqui é o branco que remete aos Homens inocentes, puros, limpos, às vezes divinos e sagrados e geralmente reconhecidos como o "homem branco colonizador". Pelo contrário, é com macacões brancos que o movimento luta também contra qualquer tipo de dominação. Ali, o branco deixa de ser alvo e se torna um pouco amarelado pela poeira da luta.

É nesse embate que se instaura, no caos atual das cidades, um reiniciar que pode surgir dessas *experimentações* sociais. Portanto, a partir das intervenções do citado grupo, oportunidades são oferecidas para que a sociedade reflita, coletivamente, sobre as figuras que dependem de suas próprias existências.

#### **Considerações finais**

É inegável que as roupas se moldam à forma humana de quem as veste e trazem toda a memória do portador. Cabe elucidar também que as roupas podem ser estudadas pelo caráter de poder e posse quando representam o pertencer a certa classe social. Porém, o principal ponto deste artigo é o papel desempenhado pelas vestes em trabalhos cuja intenção é questionar e reivindicar certa questão social, seja por meio da arte, seja por meio da militância. Irrefutável é a compreensão de que há um caráter estético na política assim como há política na arte.

Nos trabalhos de José de Almada Negreiros e do grupo Tute Bianche, habita, cada qual à sua maneira, o caráter das vestes como entidades enunciadoras que operam como determinantes no processo de individuação. Cada macacão, peça estudada nos exemplos discorridos, entra em processo de ressingularização – conceito de Chantal Mouffe – em sua dimensão antagonista e, mediante o reconhecimento do político, convoca o outro para o embate.

É por meio do embate no espaço público que se dá a visibilidade de questões sociais, culturais, políticas e econômicas, muitas vezes encobertas pela camada hegemônica. Trata-se de evocar questões e, posteriormente, construir soluções ou caminhos.

A condição para tais mudanças reside na tomada de consciência de que é possível e necessário mudar o estado das coisas atuais.

Assim, na paragem descrita acima, as articulações de subjetividade, temporalidade e corporalidade se presentificam em vestes, com sentido e competência para um movimento crítico mais amplo na medida em que se pensa e questiona o lugar do corpo vestido por um novo “habitat individual” – que estimula uma vontade geral de mudança.

Chego ao final deste artigo com a certeza da amplitude do tema; por isso, as pesquisas continuam em andamento. Por outro lado, dialogar com outros estudiosos permitirá ampliar os debates sobre as vestes nos processos de ressingularização e também fortalecer reflexões sobre sua dimensão no campo social e político.

## Referências

COSTA, Cacilda Teixeira da. Roupas de artista: o vestuário na obra de arte. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial.

GUATTARI, Félix. Caosmose: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 1992.

MARQUES, Antônio Henrique de Oliveira. Nova História de Portugal: Portugal da Monarquia para a República. Lisboa: Editorial presença, 1991.

MOUFFE, Chantal. Por una política de identidad democrática. In: *Prácticas artísticas y democracia agonística*. Barcelona: MACBA/UAB, 2007. (cap. I)

\_\_\_\_\_. Prácticas artísticas y política democrática en una era pospolítica. *Prácticas artísticas y democracia agonística*. Barcelona: MACBA/UAB, 2007. (cap. III)

NEGREIROS, José de Almada. Acaba de aparecer o quadrado azul. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.

PASTOUREAU, Michel. Azul, Historia de un color. Barcelona: Espasa Libros, S.L.U, 2010.

\_\_\_\_\_. Breve historia de los colores. Publicado na revista Radar, p.12, Buenos Aires, 21/1/2007.